D.M II

TEATRO NACIONAL
D. MARIA II

ESPETÁCULO

Jardins
do Bombarda
(Lisboa)

Corre, Bebé!

criação e interpretação
Ary Zara e **Gaya de Medeiros**

20 a 29 jun
qua e qui, 20h
sex, 21h
sáb, 19h
dom, 16h

LISBOA
Sala Estúdio Valentim de Barros /
Jardins do Bombarda

Duas pessoas que queriam ser três pessoas.

Corre, Bebé! é um conjunto de reflexões sobre os conflitos e desejos da parentalidade. Um casal de pessoas trans pensa sobre o que pode ser gerar bebés num cenário pós-apocalíptico, cada vez mais presente no imaginário coletivo do nosso tempo. Expectativas, problemas conjunturais e inseguranças são abordados de forma poética, desenhando os receios e sonhos que podem surgir ao acompanhar o desenvolvimento de uma nova pessoa num futuro incerto.

Quantas pessoas cabem nesse futuro?

Com este projeto, Ary Zara e Gaya de Medeiros foram os vencedores da 7.ª edição da Bolsa Amélia Rey Colaço.

Corre, Bebé!

criação
Ary Zara e
Gaya de Medeiros

direção
Gaya de Medeiros

vídeo
Rita Quelhas

assistência dramatúrgica
Keli Freitas,
Tiago Cadete

apoio à criação
Dinis Santos,
Sílvio Vieira

espaço cénico
e iluminação
Tiago Cadete

figurinos
Marine Marsigu Sigaut

produção executiva
Daniela Leitão

direção de produção
e gestão
Marta Moreira | Irreal

residências
O Espaço do Tempo,
Wauhaus/ Kiasma
Theatre, ADAM kitchen
program – TPAC

coprodução
Teatro Nacional
D. Maria II, A Oficina/
Centro Cultural Vila Flor,
O Espaço do Tempo
e Teatro Viriato

Equipa TNDM II

produção executiva
Sara Caeiro

direção de cena
Carlos Freitas

operação de luz
Pedro Alves

operação de som
João Pratas,
João Silva

maquinaria
Marco Ribeiro

M/14

Duração: **55 min**

Espetáculo vencedor
da 7.ª Bolsa Amélia Rey
Colaço, uma iniciativa
do Teatro Nacional
D. Maria II, A Oficina,
O Espaço do Tempo
e o Teatro Viriato

«A tentativa de adiar o fim do mundo seria poder contar mais uma história.»

Conversa com Ary Zara e Gaya de Medeiros

André Tecedeiro (AT): O espetáculo *Corre, Bebé!* centra-se no tema da parentalidade trans. O que é que vos levou a trabalhar este assunto?

Gaya de Medeiros (GM): Foi Ary quem plantou essa sementinha. Este espetáculo surgiu há muito tempo, quando ele ainda estava numa relação. Ele veio com essa conversa de que estavam pensando em ter uma criança. E a gente já estava com uma amizade muito intensa naquela altura, já tinha criado o filme e o espetáculo *Atlas da Boca*.

E aí ele veio com isso e eu pensei: «fazendo as contas, acho que está faltando alguma coisa aí». Eu comecei a pirar nisso e era uma ideia que nunca havia habitado em mim de maneira tão concreta. Pareceu poder acontecer amanhã. Desde então, ficámos pensando muito sobre isso.

Depois a gente se relacionou durante um tempo e a ideia ficou mais forte. Não só a possibilidade de ter uma criança, mas a ideia de ser um casal desse tipo [relação transcentrada] e virar uma família. E assim, muitos conceitos preconcebidos sobre a nossa sexualidade, sobre o que poderia ser esse encontro, foram se desmontando, ruindo.

É uma grande confusão. Numa relação transcentrada, de repente, parece que você voltou para o zero, de onde você saiu, sabe? Alguma coisa do nosso preconceito volta lá. Mas de uma forma muito libertadora, na verdade. O que foi ótimo. De repente, estou com alguém com quem eu não preciso nada, não "tenho de" nada com essa pessoa, porque ela já sabe de tudo, já sabe do meu avesso. Não há aqui nenhuma narrativa paralela para sustentar.

Ary Zara (AZ): Então eu comecei com uns episódios estranhos. Comecei a ter uns sangramentos, umas coisas um pouco inexplicáveis. E fui à ginecologista, à Lisa, à nossa queridíssima Lisa Vicente. E ela mandou-me fazer uns testes, incluindo um teste de gravidez.

Fiquei um pouco alarmado, porque para mim parecia impossível ter engravidado tendo em conta a narrativa que nos habita, não é? A de que para nós, homens trans que fazemos testosterona, [engravidar] seria uma coisa difícil. Mas parece que não é assim tão raro acontecer. Tive de esperar uns dias para fazer o teste. Informei a Gaya e ainda aguardei uns dias.

Felizmente o teste veio negativo, mas foram ainda alguns dias em que não sabia bem o que é que ia acontecer. Foi quando caiu a ficha de como é que seria se acontecesse. E foi um pouco avassaladora para mim, essa experiência da espera.

GM: Acho que isso alimentou muito a narrativa desta peça. Desse período tão curto, de um sonho tão curto e que foi vivido.
E aqui a gente ficcionalizou um pouco mais, ampliou mais a ideia.

AT: Uma das perguntas que eu tinha era precisamente sobre a forma como as vossas vidas poderiam ter influenciado esta criação, mas acho que já ficou bem claro…

AZ: A cena bizarra é que eu já estava a escrever uma curta, chamada *TOKOS*, sobre um casal trans que estava grávido. Quando eu tive o sangramento, eu estava a escrever sobre o Tomi que estava grávido.

Eu estava a viver esta dupla *inception* e creio que só mais para

a frente é que veio a ideia de trazer para o espetáculo. Quase dois anos depois. Mas também mais permeado com essa tua ideia [aponta para a Gaya], do fim do mundo e do Ailton Krenak.

É como se o que eu vivi também passasse para o universo da Gaya, em termos de criação, e ela continuou a estender e a espremer.

Eu acho isso interessante, porque nós, numa curta-metragem, conseguimos explorar 15, 20 minutos. E no palco é uma coisa que dá para estender para 60. Então tem uma possibilidade muito mais rica e que a Gaya consegue trazer muito bem.

AT: E porquê situar tudo isto num contexto pós-apocalíptico? Ou pré-apocalíptico?

GM: Com a iluminação do Tiago Cadete e o cenário, a coisa vai ficando... Aquele momento em que a gente vai tentando passar, agarrar-se, rastejar no chão, aquilo ali tem uma certa ambientação que gera esse ar de destruição, de catástrofe. Que foi um jeito de tentar materializar uma ideia de fim.

É tão presente em nós a possibilidade de um fim, toda hora que vem um tipo de governo de direita ao poder, ou toda vez que a gente vê notícias de catástrofe, parece que o fim fica muito presente sempre. E nos faz questionar tanto a possibilidade de colocar uma criança no mundo, quanto também a nossa própria continuidade no mundo. Então foi um jeito de materializar, em metáfora, essa ideia de fim, que poderia ser da estrutura, mas também o nosso próprio fim, o fim dessa relação.

Então foi um jeito mais metafórico de trazer o fim para a peça.

AT: Eu sinto que é um fim com muitas dimensões, que é emocional e é uma metáfora. Mas também estamos a viver um momento político e social em que as coisas estão a andar para trás a grande velocidade e isso é assustador para as pessoas trans... Este ambiente apocalíptico vai bater também neste ponto?

GM: Completamente. Como é que a gente encontra a narrativa de esperança nesse contexto? E aí eu assisti um filme do João [Salaviza] e da Renée [Nader Messora], *A Flor de Buriti*.

Eles fazem esse filme em uma comunidade indígena, e ele é entre a ficção e o documentário. Para as pessoas brasileiras, o fim dos indígenas é quase óbvio. Acho que a gente cresce tendo aula de história, esperando o dia em que não vai haver mais comunidades indígenas no Brasil. Quando eu vi aquele filme que começa com uma mulher indígena tendo um parto muito complicado e a coisa não se encerra... E, depois, há toda a luta de tentar ir para o congresso, voltar, arranjar advogado. De repente, estão com uma

arara e um macaco. Estão comendo milho. Depois, voltam para aquele contexto político. Parece tão alucinante. A luta continua agressivamente e injustamente para uma das partes. Só que, no fim, aquela criança nasce. Chora-se, e aquela comunidade toda celebra. E eu pensei, pela primeira vez: «olha! Continuam nascendo. Morrem muitos e muitas, mas continuam nascendo… continuam!». E o Ailton Krenak fala sobre isso. A tentativa de adiar o fim do mundo seria poder contar mais uma história. E ali eu vi uma materialização dessa ideia. Era uma tentativa de trazer esse tipo de pensamento que traz esperança para o nosso contexto, sem exatamente pegar tudo o que ele fala, mas trazer a possibilidade da esperança em que ele me faz acreditar.

AT: O que significa para vocês contar esta história no contexto atual do teatro português?

GM: É engraçado, nunca pensei sobre isso. A gente está tentando fazer o nosso melhor para que seja uma experiência curiosa para o público.

Acho que a preocupação está concentrada nesse público mais imediato. Acho que, para a gente, foi simbólico quando fizemos o *Atlas da Boca* no D. Maria II. Foi um marco, ter esse tipo de legitimação no centro urbano.

Depois a gente vai para Madeira e quem vai assistir são secretárias, padeiros, professores, presidentas de câmaras, pessoas completamente reais. Ter a proximidade e o interesse dessas pessoas foi muito forte para a gente. Foi mais do que quando vêm programadores. É isso. A gente fica muito nessa legitimação da bolha.

Mas tivemos experiências muito fortes de legitimação de pessoas que não sabem os códigos. Não sabem, não destrincham a linguagem e se conectam só com a experiência e com essa troca na coisa mais humana que existe, isso de alguém contar uma história e alguém ouvir uma história .

AT: E sentiram que essas pessoas vos entenderam?

AZ: Elas voltaram no segundo dia para assistir de novo.

GM: E trouxeram um irmão, não sei quem, e um primo que tinha de ver. E querendo participar da conversa, subir no palco e nos abraçar. A gente se sentiu muito humanizada e humanizado. Parece que estavam lidando só com pessoas, não com pessoas trans ou essa coisa esquisita, sabe?

AT: E como esperam que este público se relacione com as questões que vocês levantam e que são novas para muita gente? Se até o Ary se espantou com a facilidade com que um homem trans pode engravidar, para a maior parte das pessoas é uma hipótese que nem sequer se coloca. Até faz parte da narrativa transfóbica, essa "incapacidade de gerar". Como esperam que as pessoas reajam a isto?

AZ: Eu gostava que fosse gentil, sabes? Eu gostava que fosse gentil, que fosse doce, porque já todos tivemos um pai, uma mãe, quer a gente conheça, quer não. Avôs, avós... Esses vínculos com a nossa ancestralidade estão sempre criados.

Acho que pelo menos nesse lugar as pessoas vão conseguir vibrar. E eu acho que esse lugar supera o fato de nós sermos trans ou de um homem trans estar grávido. Isso passa para uma segunda camada.

Eu acredito que é esse trabalho que eu e a Gaya temos feito, tanto no teatro como no cinema. É apresentar, através da nossa ligação, a nossa particularidade. Mas sem que seja um confronto, sem que seja opressiva, sem que seja impositiva.

É uma conversa que a gente abre. E temos sempre muito mais para dizer do que essa conversa sobre sermos trans e essa bolha mais pequenina.

GM: Durante toda a criação a gente ficava naquele impasse de o quanto teríamos uma abordagem mais didática ou uma abordagem mais sentimental, memória, experiências...

Informação pode-se ter digitando em uma tela, mas entrar em contato com experiências, subjetividades, é um pouco mais difícil de acontecer. Acho que foi nossa busca nos conectar mais com isso. Por exemplo, nessa carta final, pensar que o interlocutor é o meu pai, ajudou a trazer uma linguagem que não fosse exatamente o... «Olha, é o seguinte, tem que parar de tomar testosterona e aí engravida, e aí ela vai tomar hormônio...». Acho que mais vale falar da tentativa de dar orgulho para essa figura paterna do que de hormonização.

AZ: E pode ser mais interessante as pessoas, quando forem digitar, irem com a vibração deste encontro. Porque aí vão com esta coisa na cabeça, da forma como nós estávamos juntos, como nós nos cuidávamos. E, se calhar, é uma busca que já é feita com uma abordagem diferente, com mais proximidade do que confusão ou estigma.

AT: Já senti isso no *Atlas da Boca*, que as vossas criações são também uma forma de criar empatia e que vocês se colocam num lugar de vulnerabilidade. E acho que é preciso uma pessoa ser muito dura para não se deixar contagiar. Em relação aos anteriores, como é que correu este processo?

GM: Acho que foi o mais pesado, porque envolve mais vida, mais história em conjunto. Acho que o primeiro encontro, o *Atlas da Boca*, eram "os desejos de". E acho que este já tem muito passado, tem muita vivência, tem sonhos que já não existem mais. Então, ir lá e meter a mão nele, e, na verdade, eles estão lá. Tem coisas que ficaram pelo caminho e que parece que voltam à vida com este processo...

Mexe muito comigo, porque ainda existe muito amor e muita cumplicidade. Dar o pezinho atrás para distanciar e tornar isso uma narrativa fora de nós é um exercício muito bruto.

Ainda assim, acho que eu prefiro isto ao "não isto".

AZ: Para mim foi bem duro, este processo. No início, nós manipulávamos muito mais o bichinho [a marioneta usada no espetáculo]. E eu sentia uma ligação muito forte ao bichinho. No fim de um ensaio a Gaya disse: «Ah, vamos embora!» [Ary larga a marioneta].

Isso parecia que me levava para a nossa história, do que eu sentia que tinha acontecido comigo. Sentia que ela não se estava a entregar à coisa, que estava a evitar. E muitas vezes a confrontei: «temos de olhar para isto, temos de falar disto».

AT: O tal elefante na sala.

AZ: Porque eu sentia que era aí que estava a história. Era como se ela estivesse constantemente a contornar a história. Eu punha a história à frente.

Foi interessante a Gaya poder ter tido tempos sem mim, para pensar essa história também com outras pessoas. Ela experimentar fazer isto com outro homem em cena, perceber o que os aproxima, o que os afasta, onde está a química, onde está a história. Foi super importante.

AT: E resultou, Gaya?

GM: Eu estava completamente bloqueada. Era meio que também recusa, porque é voltar para o não, voltar para o que quebrou, voltar para o que estilhaçou, voltar para tudo o que eu não tinha e que ele precisava para essa relação funcionar.

Era voltar para as nossas experiências mais dolorosas, de fim. E, ao mesmo tempo, querendo ainda continuar alguma coisa.

Foi essencial esse tempo sem ele, ao mesmo tempo tendo pequenos encontros online, para ir mantendo essa conexão, para conseguir. Lembra quem você é, lembra o que você faz, lembra sobre o que é isso. Fazer esse descolamento foi mais complicado para mim.

AT: Vocês foram vencedores da Bolsa Amélia Rey Colaço. Que influência é que esse apoio teve neste projeto? Foi importante para a criação?

AZ: Crucial, será a palavra.

GM: Foi fundamental, porque a única fonte de apoio do projeto é a bolsa.

Mas para a gente é especial também, porque já nos garante três espaços de apresentação. Vai ser muito interessante ter também esse feedback de outras regiões, que não sejam só Lisboa e a bolha de Lisboa.

AT: Para terminar, que outros aspetos desta criação gostariam ainda de destacar?

GM: Falar também das pessoas que estão nesse projeto. Quem faz o espaço cénico e a iluminação é o Tiago Cadete, que acrescenta também uma outra camada mais íntima e, ao mesmo tempo, traz essa atmosfera caótica para dentro dessa bolhazinha tão segura, que parece que é uma casa.

Depois também tem a Rita Quelhas, que faz essa parte do vídeo, que acrescenta também uma outra camada multimídia ao trabalho.

A gente teve também boas conversas dramatúrgicas com o próprio Tiago Cadete, com a Keli Freitas, que é outra parceiríssima do trabalho, o querido Sílvio Vieira, que foi lá uns dois dias assistir ao ensaio. O Dinis Santos, que foi outro belo companheiro de criação. Temos a Daniela Leitão e a Marta Moreira, que fazem a produção e gestão mais carinhosas e arrasadoras de sempre. E por último, nossa Marine Sigaut, com todo seu mundo e histórias que vestem a peça e nossa imaginação.

QUEM SOMOS

Conselho de Administração
Rui Catarino,
Sofia Campos,
Susana Melo

Direção Artística
Pedro Penim

Fiscal Único
Amável Calhau & Associados,
SROC, Lda.

Adjunto Direção Artística
Luís Sousa Ferreira

Assessoria Direção Artística
Sandra Azevedo

Secretariado
Marina Almeida Ricardo

Motorista
Filipe Guerreiro

Elenco Residente
João Grosso,
José Neves,
Manuel Coelho

Direção de Produção
Carla Ruiz

Produção Executiva
Pedro Pires (coord.),
Bruna Antonelli,
João Lemos,
Paula Fernandes,
Pedro Pestana,
Rita Forjaz,
Sara Caeiro

Projetos internacionais
Eva Nunes (coord.)

Direção de Cena
Anaísa Guerreiro

Diretoras/es de Cena
Carlos Freitas (coord.),
Andreia Mayer,
Catarina Mendes,
Isabel Inácio,
Pedro Leite,
Soraia Gonçalves

Guarda-roupa
Aldina Jesus (coord.),
Ana Martins,
João Pinto,
Sílvia Galinha

Auxiliares de Camarim
Carla Rodrigues,
Paula Miranda

Adereços
Nuno Costa

Assistente Direções
de Cena e Técnica
Sara Villas

Direção Técnica
Rui Simão

Coordenação Técnica
Daniel Varela

Maquinaria e Mecânica de Cena
Frederico Godinho (coord.),
Jorge Aguiar,
Lindomar Costa,
Marco Ribeiro,
Miguel Carreto,
Paulo Brito,
Reginaldo Silva

Iluminação
Feliciano Branco (coord.),
Cláudio Marto,
Filipe Quaresma,
Gonçalo Morais,
Luís Lopes,
Pedro Alves

Som/Audiovisual
João Pratas (coord.),
André Dinis Carrilho,
João Francisco Silva,
João Neves,
Margarida Pinto,
Rui Dâmaso

Motorista
Carlos Luís

Direção de Comunicação
e Marketing
João Pedro Amaral

Assessoria de Imprensa
Élia Teixeira

Digital
Débora Grave,
Joana Bonifácio

Edição de Conteúdos
Diogo Seno

Produção de Comunicação
Catarina Freire

Secretariado
Paula Martins

Direção Administrativa
e Financeira
Salomé Jesus

Controlo de Gestão
Diogo Pinto

Contabilidade
Alda Batista,
Carolina Lemos,
Sophie Tomás

Compras
Eulália Ribeiro

Contratação Pública
Rute Presado (coord.)

Tesouraria
Sofia Ventura

Recursos Humanos
Lélia Calado,
Luísa Araújo,
Madalena Domingues

Direção de Manutenção
Susana Dias

Coordenação de Manutenção
Albertina Patrício

Manutenção Geral
Raul Rebelo (coord.),
Eduardo Chumbinho,
Tiago Trindade

Sistemas de Informação
Carlos Dias (coord.),
Nuno Viana

Limpeza
Ana Paula Costa,
Luzia Mesquita

Direção de Relações Externas
e Frente de Casa
Ana Ascensão

Parcerias, Desenvolvimento
e Fundraising
Soraia Salvadors,
Joana Grande

Mediação e Projetos
de Continuidade
Carolina Villaverde Rosado,
Daniela Matos,
Léa Prisca López,
Maria João Santos,
Mariana Gomes,
Teresa Flórido

Avaliação e Monitorização
Patrícia Silva Santos

Bilheteira
Rui Jorge (coord.),
Carla Cerejo,
Sandra Madeira

Direção de Documentação
e Património
Cristina Faria

Produção Executiva
Patrícia Romão

Acervo
Rita Carpinha

Biblioteca | Arquivo
Catarina Pereira,
Ricardo Cabaça,
Vera Azevedo

Livraria
Maria Sousa

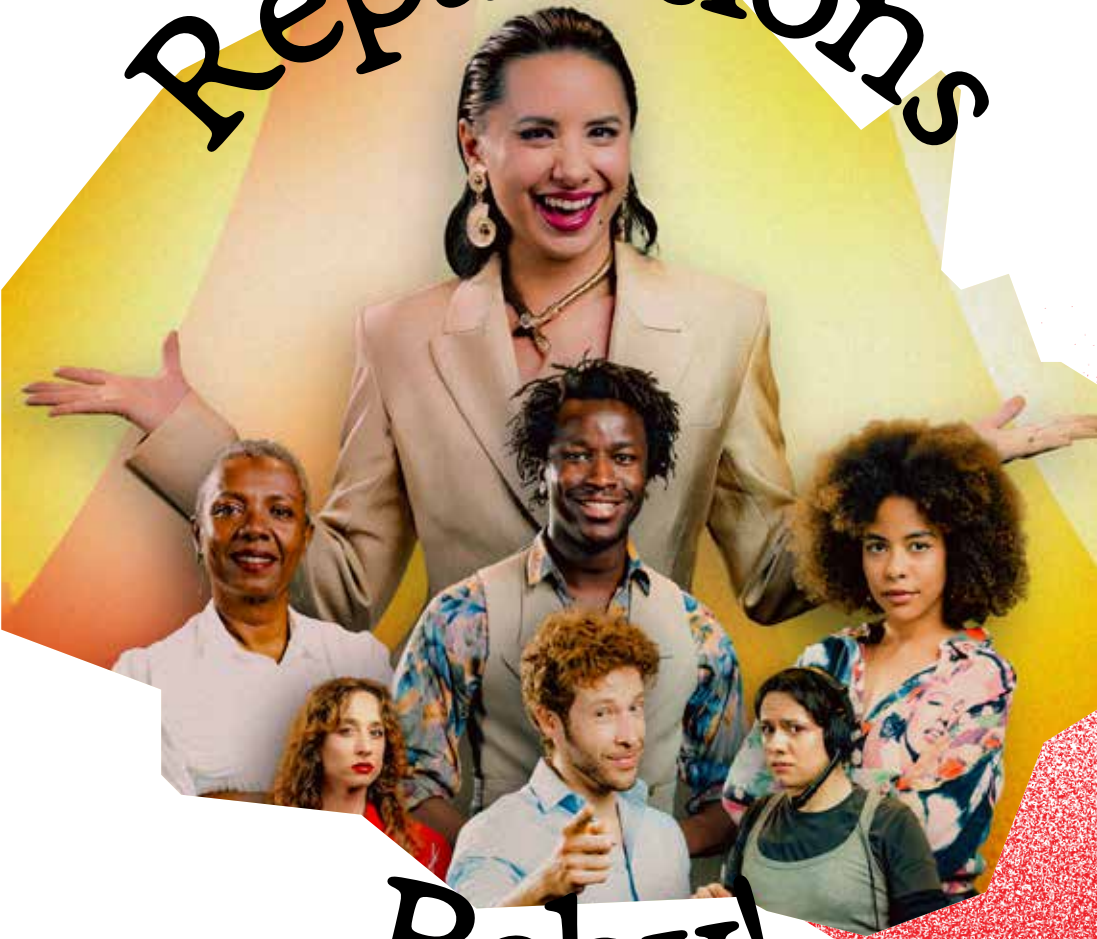
Fotos de cena **Filipe Ferreira, TNDM II** Design gráfico **barbara says...** 2025

A SEGUIR

9 a 27 jul
qua e qui, 20h
sex, 21h
sáb, 19h
dom, 16h

LISBOA
Teatro Variedades

Reparations



Baby!

texto e direção
Marco Mendonça

AGENDA LISBOA

9 a 27 jul
Teatro Variedades

Cosmic Sans
realização
Jorge Jácome

9 a 27 jul
Teatro Variedades

Reparations Baby!
texto e direção
Marco Mendonça

11 a 20 jul
Jardins do Bombarda

Audição
um espetáculo
Teatro Praga

5 set
Jardins do Bombarda

École des Maîtres

8 a 20 set
Jardins do Bombarda

BoCA – Bienal de Artes Contemporâneas
direção artística
John Romão

12 set a 5 out
Teatro Variedades

O Nariz de Cleópatra, pois claro!
a partir de
"O Nariz de Cleópatra",
de Augusto Abelaira
direção Cristina
Carvalhal

26 set a 12 out
Jardins do Bombarda

Luta Armada
criação André Amálio
e Tereza Havlíčková /
Hotel Europa

17 a 19 out
Jardins do Bombarda

As Secretárias
texto The Five
Lesbian Brothers
encenação Maria Inês
Marques

29 out a 2 nov
Jardins do Bombarda

Itinerário: geologia de um regresso a casa (título provisório)
criação e texto
Rogério Nuno Costa

2025

Parceiro principal
Mecenas
ATOS
Parceiro de Inovação
Projetos Infantojuvenis
Formação para Artistas
Parceiros de Programação